

ANÁLISE DISCURSIVA DE EMOJI: O FILME¹

Carlinho Viana de Sousa²

Roberto Leiser Baronas³

RESUMO

Esta comunicação se fundamenta, por um lado, na análise de discurso de base enunciativa, proposta por Dominique Maingueneau, a partir de seu livro *Gênese dos discursos*, e por outro, na Análise de discurso em contexto digital, proposta por Marie-Anne Paveau, em seu livro *Análise do discurso digital: dicionário das formas de das práticas*. Nosso objetivo primeiro é propor uma análise discursiva da produção cinematográfica *Emoji: o filme*. Nessa análise, mobilizamos parte do corpus inicial do nosso projeto de doutoramento, cujo objetivo é compreender como se estabelecem as relações entre o mundo real e o digital, verificando se são dois universos separados (dualismo digital) ou um universo estendido por bits e átomos (realidade ampliada). Com base, nas nossas primeiras análises de *Emoji: o filme* é possível postular a existência de um esfarelamento do dualismo digital na contemporaneidade, uma vez que as cenas analisadas e descritas apresentam evidências de uma realidade ampliada, a máquina como extensão de nossas ações e nossos pensamentos. Superarmos o dualismo digital, significa superarmos a diferenciação do linguístico e extralinguístico, do humano e não humano, e entendermos que o discurso e os elementos de sua produção são inextricáveis. Em síntese, ao analisarmos discursivamente *Emoji: o filme* constatamos que o conceito de semântica global pode ser relacionado com a concepção de ecologia do discurso, pois, no nosso entendimento, ambos os conceitos direcionam a análise de qualquer discurso para além da relação binária superfície/profundidade.

- 1 Pesquisa de doutorado em fase inicial no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Análise realizada na disciplina *Introdução aos Estudos do Discurso* (primeiro semestre de 2022).
- 2 Doutorando do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, carlinho@estudante.ufscar.br;
- 3 Professor Orientador: Dr. Roberto Leiser Barobas, Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, baronas@ufscar.br.

Entendemos que tal relação tem muito a ver com os discursos digitais nativos – onde a relação entre humano e não humano, linguístico e extralinguístico é inextricável. Os discursos digitais nativos perpassam o dualismo digital, esfa-relam-no, desintegram-no, coconstroem (homem e máquina), criam um novo tipo de realidade discursiva, uma realidade ampliada, ubíqua.

Palavras-chave: Discurso digital, Dualismo digital, Realidade ampliada.

INTRODUÇÃO

Nosso *corpus* se refere à produção cinematográfica de *Emoji: o filme*. A animação de 1h27min foi lançada em 2017 pela *Sony Pictures Animation* e pode ser assistida no canal de streaming da Netflix. O enredo tem como tema central a aventura vivida por três *emojis*: *Mãozinha*, *Princesa* e *Gene*, os quais exploram o mundo do *smartphone* por meio de vários aplicativos (*apps*). O *smartphone* no qual eles vivem pertence a Alex, um garoto do ensino médio que, como a maioria, é viciado em celulares. Os três *emojis* são da cidade de *Textópolis* (*app* onde eles moram). Cada *emoji* tem uma função específica. Vivem em um cubo, esperando que os humanos, por meio de uma mensagem, os utilizem/enviem. Essa é a razão primordial de existirem. Alex solicita *Gene* por meio de uma mensagem, ele surta e faz várias expressões.

O *emoji Gene* por possuir várias expressões, foi incompreendido pelos pares, inclusive pela chefe deles: a *Sorrisete*, a qual determinou que ele fosse deletado. Com a ajuda de *Mãozinha* ele consegue sair de *Textópolis* para procurar um *hacker* de nome *Rebelde* (codinome da *emoji Princesa*) para consertar seu *bug* (problema). No final do enredo Alex decide deletar todos os *apps* de seu *smartphone*, mas a *Princesa* consegue enviar *Gene* como mensagem para Alex, que a reenvia para Adi. Por meio de suas várias expressões, *Gene* faz Adi se apaixonar por Alex e ele desiste de deletar seus *apps*.

A partir da análise de *Emoji: o filme*, *corpus* inicial do projeto de doutoramento, nosso objetivo é compreender como se estabelecem as relações discursivas entre o mundo digital e o mundo real, se são dois universos separados (dualismo digital), ou se são dois universos complementares, um como extensão do outro (realidade ampliada). Trazemos a partir da leitura discursiva de *Emoji: o filme* algumas questões para reflexão: Como pensar o real e o digital na contemporaneidade? Como dois universos distintos? Ou haveria um *continuum* entre os dois, uma espécie de realidade ampliada?

Vale salientar que ao longo da pesquisa (escrita da tese), outros *corpora* serão mobilizados para dar conta do objetivo geral, inclusive ressaltamos que o filme funciona como uma espécie de ancoragem material para a reflexão que é profunda e relevante para as ciências da linguagem. Estudar as complexas relações entre o real (off-line) e o digital (on-line) por meio da leitura discursiva de *Emoji: o filme*, poderá trazer importantes contribuições não somente para o campo dos estudos do discurso praticados no Brasil, como também para os campos das ciências da informação e da comunicação e para as humanidades em geral.

Nosso percurso metodológico será baseado nas concepções de Maingueneau (2008; 2015), que por meio de uma teoria enunciativa do discurso discute conceitos como: cenas de enunciação, semântica global, primado do interdiscurso, entre outros. Utilizaremos também alguns conceitos de Paveau (2021), principalmente os relacionados aos tecnodiscursos, procurando compreender como se estabelece a comunicação no mundo digital por meio dos discursos digitais nativos, aqueles que se originam na web.

A pesquisa de doutorado está em sua fase inicial. Os resultados obtidos com a análise de *Emoji: o filme* indica um esfarelamento do dualismo digital na contemporaneidade, ou seja, há uma relação inextricável entre humano e não humano em ambientes digitais. A máquina é uma extensão de nossas capacidades intelectuais.

PERCURSO METODOLÓGICO

Com base nos postulados de Maingueneau (2008; 2015) pensamos nas seguintes etapas metodológicas: analisar inicialmente *Emoji: o filme* mobilizando os conceitos de: semântica global, prática (inter)discursiva, primado do interdiscurso, polêmica como interincompreensão etc.; num segundo momento, descrever/interpretar as diferentes cenas genéricas e as diferentes cenografias que constituem *Emoji: o filme* e, a partir delas compreender como a passagem do real para o digital se estabelece e, vice-versa. Além disso, tomaremos também como corpora, as resenhas publicadas na web sobre *Emoji: o filme*, bem como os comentários dos internautas, o posicionamento de diferentes atores sociais sobre essa produção cinematográfica.

Por último, com base em Paveau (2021) verificaremos como funcionam discursivamente as seis características que constituem, enquanto tecnodiscurso, a produção cinematográfica *Emoji: o filme*: 1) a composição; 2) a deslinearização; 3) a ampliação; 4) a relacionalidade; 5) a investigabilidade; e, 6) a imprevisibilidade. Essas características contribuirão na compreensão do dualismo digital encarnado no esfarelamento que estamos propondo tanto das fronteiras entre a linguagem e a máquina, bem como do esfarelamento dos espaços e dos sujeitos que neles transitam.

ANÁLISE INICIAL DO CORPUS

Partindo do quadro teórico-metodológico proposto por Maingueneau (2015) e Paveau (2021), mobilizando alguns conceitos acima explicitados, fizemos uma análise inicial do nosso corpus de pesquisa. Cumpre salientar que

Emoji: o filme traz cenas do mundo real e digital, no entanto, a maior parte de nossas análises, por uma questão metodológica se concentrou no mundo digital, neste caso o mundo dos *emojis*.

Antes de o filme iniciar (Figura 1), temos uma cena inusitada, na qual alguém pega seu *smartphone* para tirar uma foto da estátua da *Columbia Pictures*. Em seguida, realiza uma “trollagem”⁴ na imagem da estátua colocando a carinha de um *emoji* de óculos escuro sobrepondo seu rosto.

Figura 1 - Trollagem na imagem da *Columbia Pictures*



Fonte: Printada de *Emoji: o filme*

A imagem da Figura 1 representa o *dualismo digital*, de um lado o mundo real (representado pela pessoa que tira a foto) e de outro o mundo digital (representado pelo *smartphone* e seus *apps*). O termo *dualismo digital* foi proposto pelo sociólogo Nathan Jurgenson em 2011, para explicitar que o que está conectado e o que não está, constituem dois universos separados. De acordo com Paveau (2021, grifos nosso), o *dualismo digital* suporta três tipos de evidências binárias: 1) *átomos/bits* – que constata a matéria das coisas; 2) *físico/digital* – que mostra o tipo de realidade implicada; e, 3) *off-line/on-line*

4 “A trollagem é uma nova forma de humor muito apreciada nas redes sociais. O termo ganhou até um meme, o *Troll Face*, utilizado em tirinhas justamente quando a situação descrita se trata de um trote” (Mariana COUTINHO, 2013, on-line, *O que são ‘trolls’ e o que é ‘trollagem’?* Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2013/06/o-que-sao-trolls-e-o-que-e-trollagem.ghtml>>. Acesso em: 12 ago. 2022).

– que trata da relação com a *web*. O termo foi duramente criticado, o que levou Nathan Jurgenson a substituí-lo pelo conceito de *realidade ampliada*.

Estou propondo uma visão alternativa que afirma que nossa realidade é tecnológica e orgânica, digital e física, tudo ao mesmo tempo. Não estamos entrando e saindo de realidades digitais e físicas separadas, como Matrix, mas vivemos em uma realidade, que é aumentada por átomos e bits. E nossos eus não estão separados nessas duas esferas como um “primeiro” e “segundo” eu dualista, mas sim um eu aumentado (JURGENSON, 2011, on-line, tradução nossa).⁵

Um discurso sempre tem relação com outro/s. “Nossa própria hipótese do *primado do interdiscurso* inscreve-se nessa perspectiva de uma heterogeneidade constitutiva, que amarra, em uma relação inextricável, o Mesmo do discurso e seu Outro” (MAINGUENEAU, 2008, p. 31, grifo nosso).

No caso de *Emoji: o filme*, o discurso de Alex (*discurso primeiro - dp*) está totalmente relacionado com os discursos dos *emojis* (*discurso segundo - ds*), ou seja, há uma heterogeneidade constitutiva que interliga o Mesmo do discurso (*emojis*) e seu Outro (Alex), uma espécie de *realidade ampliada*. O mesmo processo ocorre internamente no mundo dos *emojis*, em Textópolis, na relação hierárquica de poder da *emoji* “chefe” e seu Conselho sobre os outros *emojis*. Podemos identificar tais relações em F1 e F2:

Alex: ‘Preciso responder a mensagem da Adi, o que eu devo escrever?’

Colega: **‘Nada! Palavras não estão com nada!’**

Alex: ‘Já sei, sem palavras.’ (F1).

Gene: ‘É...Eu vim aqui pra me defender, mas você tá tão alegre...Então boas notícias?’

Sorrisete: ‘Hã hã, pois é. Eu tô sempre alegre.’

Gene: ‘Ah tá! #Óbvio.’

Sorrisete: ‘A única coisa que detona a minha alegria é quando um emoji da equipe dá erro, porque o Alex poderia deixar de confiar no celular...Aí o nosso mundo poderia ser deletado...’

5 JURGENSON, N. Digital dualism versus augmented reality, 24/02/2011. Disponível em: <<https://thesocietypages.org/cyborgology/2011/02/24/digital-dualism-versus-augmented-reality/>>. Acesso em: 12 ago. 2022.

Gene: 'Sorrisete eu juro pela placa mãe mortinha que eu nunca mais na vida vou cometer outro erro no cubo!'

Sorrisete: '...vamos entregar você aos melhores robôs antivírus...' (F2).

É importante verificar no F1 o texto destacado. Tal enunciado caracteriza a sociedade atual, cada vez mais pragmática, mais "cansada", procurando por atalhos, por facilidades, principalmente quando querem se comunicar. Os *emojis* por serem iconotextos, ou seja, "produções semióticas em que imagem e fala são indissociáveis" (MAINGUENEAU, 2015, p. 160) são recursos muito aceitos e usados, principalmente, pelos jovens. O texto pode assumir outras formas, ampliando a estrutura linguística, ele pode ser um ícone, um vídeo, um hipertexto, enfim uma estrutura multimodal. Dessa forma,

[...] a prática discursiva não define apenas a unidade de um conjunto de enunciados; ela pode também ser considerada com uma *prática intersemiótica* que integra produções pertencentes a outros domínios semióticos [...]. Tal extensão torna-se necessária pelo fato de que o sistema de restrições que funda a existência do discurso pode ser igualmente pertinente para esses outros domínios (MAINGUENEAU, 2008, p. 23, grifo do autor).

Por outro lado, a economia de palavras, a comunicação curta, o pragmatismo facilitado pelos recursos digitais, pode levar o sujeito ao isolamento, ao medo de falar em público ou com alguma pessoa face a face (comportamento de Alex descrito no F4). Pode ocasionar também dificuldades na escrita/leitura de textos formais, uma vez que para esses jovens, "as palavras não estão com nada", pode-se escrever de qualquer maneira (o famoso internetês).

O internetês – linguagem ou linguajar (como se quiser) que os internautas estão espalhando pelo mundo – vem sendo objeto de desconfiança das gerações mais velhas e de grande familiaridade e júbilo para as mais jovens, em especial para aqueles que se entregaram de corpo e alma aos encantos da internet e as suas múltiplas possibilidades (RAJAGOPALAN, 2013, p. 37).

Em todos os tempos houve céticos e otimistas quanto à evolução da linguagem. Para os céticos o internetês é uma "aberração" da linguagem, pois eles se intitulam guardiões do falar/escrever bem, da gramática. Do lado dos otimistas, o internetês é somente mais uma variação linguística, um novo modo de

comunicação, no entanto restrito ao meio em que ele ocorre, o digital. “Toda inovação tecnológica costuma ser saudada com reações imediatas de dois tipos e, muitas vezes, simultâneas, gerando situações um tanto paradoxais” (RAJAGOPALAN, 2013, p. 38).

Na figura 2 é possível identificar o *dualismo digital* (físico/digital), nele temos, de um lado o conjunto de formações discursivas existentes no mundo real de Alex, tais como: discurso escolar, discurso de adolescentes, discurso digital etc. De outro lado, as formações discursivas do mundo digital dos *emojis*, tais como: tecnodiscurso (PAVEAU, 2021), discurso imagético, discurso multimodal, enfim novas textualidades (MAINGUENEAU, 2015). O conjunto de formações discursivas⁶ do mundo **físico/digital** constituem nosso *universo discursivo*.

Figura 2 - Universo discursivo



Fonte: Printada de *Emoji: o filme*.

Dentro do *universo discursivo* de *Emoji: o filme* delimita-se como *campo discursivo*, o **campo digital**, o qual tem uma relação, ora de aproximação, ora de distanciamento, um tipo de *polêmica como interincompreensão*. “Cada discurso repousa, de fato, sobre um conjunto de semas repartidos em dois registros: de um lado, os semas ‘positivos’, reivindicados; de outro, os semas ‘negativos’, rejeitados” (MAINGUENEAU, 2008, p. 99). Esse movimento (aceitação/rejeição)

6 “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2020, p. 41).

ocorre na comunicação entre o *dp*, quando Alex envia mensagens para Adi ou para seus colegas e o *ds*, as ações dos *emojis* na tela ao serem enviados. O *ds* só pode ser entendido no fechamento semântico do intérprete (*dp*), no simulacro que dele constrói (MAINGUENEAU, 2008). O mesmo processo ocorre inter-namente em *Textopólis*, mundo dos *emojis*.

Na Figura 2, também, é possível identificar os seres humanos contemporâneos, o *homo digitalis*, termo designado por Han (2018, grifo do autor). De acordo com ele, os espaços na *web* são verdadeiros “enxames digitais”, cheio de ruídos, onde os *web* consumidores têm as mãos atrofiadas, apenas deslizam os dedos nos aparelhos digitais, são incapazes de agir, apenas enumeram, adicionam: curtidas, *likes* etc. Tal fato pode ser confirmado em F3:

Gene: ‘Perai que app é esse aqui? Todo mundo falando de si mesmo. O Alex conhece tantas pessoas.’

Mãozinha: ‘Essas pessoas não conhecem ele. Elas **curtiram ele** e é isso que importa nessa vida: **popularidade**.’

Gene: ‘É...sei lá? Acho que eu prefiro ter um amigo de verdade.’

Mãozinha: ‘Amigo de verdade? Você não chega em lugar nenhum desse jeito. Você precisa é de **fãs**. Eles é que te dão apoio total e irrestrito, desde que você esteja por cima.’” (F3).

No F3 (palavras em destaque), temos alguns termos chaves que definem o *discurso digital*, são eles: *likes*, *curtidas*, *popularidade*, *fãs* etc. Tanto no mundo digital quanto no real, pessoas e *emojis* querem estar em evidência, serem idolatrados/as. Enfim, almejam alcançar a “felicidade” nas diversas redes digitais. “A alegria que se encontra nas redes sociais de relacionamento tem sobretudo a função de elevar o sentimento próprio narcisístico” (HAN, 2017, p. 93).

Por último, delimita-se os *espaços discursivos* que, no caso de *Emoji: o filme*, restringe-se às trocas de mensagens, ou seja, os **discursos digitais**, entre *emojis* e Alex e, vice-versa, por meio do *smartphone* e os vários *apps* nele instalados. Os *discursos digitais*, de acordo com Paveau (2021), obrigam-nos a repensar o quadro teórico-metodológico de análise do discurso. Pois, os *discursos digitais nativos* (aqueles originários da própria *web*), possuem características de:

1. **Composição**: Os discursos digitais nativos são compósitos, ou seja, são constituídos por uma matéria mista que reúne indiscernivelmente o linguageiro e o tecnológico de natureza informática, de forma manifesta (caso da hashtag ou do pseudônimo no Twitter [...]), dotados de marcas de composição) ou não manifesta (caso de todos os tecnodiscursos on-line que dependem dos programas informáticos).

2. **Deslinearização:** Os discursos digitais nativos não se desenvolvem obrigatoriamente em um eixo sintagmático específico do fio do discurso, de acordo com a teoria pré-digital: eles podem ser deslinearizados pelos links hipertextuais, que direcionam o texto fonte e seu leitor para outro discurso, em outra janela do navegador e outra situação de enunciação.
3. **Ampliação:** Os discursos digitais nativos revelam uma enunciação ampliada, por causa da conversacionalidade da web social (as publicações do blog são ampliadas pelos comentários) ou das ferramentas de escrita ubíquas (como as de escrita colaborativa que permitem que uma escrita coletiva num espaço enunciativo único, mas com a identificação dos diferentes enunciadoreis).
4. **Relacionalidade:** Os discursos digitais nativos estão todos inscritos numa relação: com outros discursos, por causa da reticularidade da web; com os aparelhos, por causa da sua natureza compósita que faz com o que os enunciados sejam coproduzidos com a máquina; com os escritores e os (escri)leitores que passa pela subjetividade da configuração das interfaces de escrita e de leitura.
5. **Investigabilidade:** Os discursos digitais nativos se inscrevem, no sentido material do termo, num universo que nada esquece e que é percorrido por ferramentas
6. de busca e redocumentação. Eles são, portanto, investigáveis, ou seja, localizáveis e coletáveis para eventuais menções, utilizações, repetições [...].
7. **Imprevisibilidade:** Os discursos digitais nativos são parcialmente produzidos e/ou formatados por programas e algoritmos, fato que os torna imprevisíveis para os enunciadoreis humanos, tanto no plano de sua forma (passando automaticamente de um lugar de enunciação pré-digital a um lugar digital, um enunciado muda de forma), quanto no plano de seu conteúdo (algumas ferramentas, como os programas, redocumentam os discursos nativos dispersos, criando conteúdos originais) (PAVEAU, 2021, pp. 59-60, grifos da autora).

Percebe-se no F4 um esfarelamento do *dualismo digital*, pois não se sabe mais o que é real e o que é digital, parece haver um *continuum*, a máquina parece ser a extensão do homem, de seu pensamento, de sua ação. A pessoa já não fala por si mesma, o algoritmo toma a decisão por ela.

“Colega: ‘Cara! A Adi tá aqui. Vai lá falar com ela.’

Alex: ‘Toda vez que eu tento eu só vacilo. Eu não tô conseguindo me abrir pra ela.’

Gene: ‘Se a gente ajudar o Alex a se declarar, talvez ele não delete a gente.’

Princesa: **‘Eu posso hackear e mandar uma mensagem do celular dele,** mais só dá tempo de mandar uma.’” (F4).

Estabelecendo uma relação entre sermos *hackeados* (texto em destaque no F4) o tempo todo. Tomemos como exemplo uma pesquisa realizada no Google, de um produto qualquer que nos interessa. Ao acessarmos outras plataformas digitais, o mesmo produto começa a aparecer em nossas telas, suggestionando-os, fazendo a gente sentir necessidade de adquiri-lo. Percebe-se que a tecnologia está a serviço do consumismo, seja ele de qualquer natureza. Pensamos que essas estratégias das ferramentas da internet vão ao encontro das seis características do tecnodiscurso: composição, deslinearização, ampliação, relacionalidade, investigabilidade e imprevisibilidade propostas por Paveau (2021). E que elas também estão presentes nos *emojis*, em especial em Gene, o qual pode assumir várias expressões ao mesmo tempo.

Figura 3 - Emoji Sorrisete



Fonte: Printada de *Emoji: o filme*.

No espaço digital chamado *Textópolis*, aplicativo onde residem todos os *emojis*, cada qual desempenha uma e, somente uma, *função específica*. Apesar disso, há níveis hierárquicos de poder. Existe uma supervisora de sistema, a

“chefe” de todos os *emojis*: *Sorrisete* (Figura 3). Há, também, um Conselho formado pelos *emojis* favoritos, os quais deliberam sobre a situação de cada *emoji*.

“Um procedimento que se funda sobre uma semântica ‘global’ não apreende o discurso privilegiando esse ou aquele dentre seus ‘planos’, mas integrando-os todos ao mesmo tempo, tanto na ordem do enunciado quanto na da enunciação” (MAINGUENEAU, 2008, p. 75). Pensando em uma *semântica global*, verificamos em *Textopólis* uma *intertextualidade externa*, ou seja, um campo cita discursos anteriores e exteriores a ele, nesse caso, simula o sistema hierárquico do mundo real, principalmente o relacionado à organização neoliberal. Cada *emoji* tem sua competência específica, se não a cumprir, poderá ser penalizado pela “chefe” e seu Conselho. O que ocorreu com o *emoji Gene*, que por não se encaixar no padrão, foi condenado à exclusão (ver F2). Relação bastante antagônica, pois, *Sorrisete* e os membros do Conselho também são *emojis*, assim deveriam cumprir, também, somente uma função específica.

Dentro da formação discursiva há uma *interincompreensão regulada*, uma matriz semântica que provoca o conflito recíproco. O discurso do *Outro* é trazido para dentro das categorias do *Mesmo*, e é rejeitado. Dessa forma, o *vocabulário*, o léxico *função específica* é explorado de maneira semanticamente contraditória nos dois discursos: *dp* (*emojis* da alta hierarquia) *versus ds* (*emojis* subalternos).

Em *Textopólis*, o *tema* principal é: “Cada *emoji* deve cumprir uma *função específica*”. Este é um tema global, imposto pelo sistema de restrições da formação discursiva. Temas impostos se dividem em *compatíveis* e *incompatíveis*. Embora os *emojis* (subalternos) entendam a incompatibilidade do tema, aceitam-no, pois ele faz parte do conjunto geral de temas do sistema de restrições. Está definido no *estatuto do enunciador e destinatário*, o que eu enuncio deve ser legitimado pelo meu destinatário, por meio de uma *dêixis enunciativa* que estabelece uma cena e uma cronologia, de acordo com a formação discursiva.

Além do estatuto do enunciador/destinatário e da *dêixis*, temos em F5 o *modo de enunciação*:

Sorrisete: ‘Vejam como funciona, não tem nada de mais. Brincadeira, **isso aqui é demais!** Cada um tem seu próprio cubo na barra dos *emojis*. Quando Alex escolher você, se tiver tanta sorte. **O cubo vai se iluminar!**’

Cocô: ‘Wow! Vou botar pra feder!’

Sorrisete: ‘O escaner vai fazer sua leitura e essa imagem vai ser enviada diretamente pra caixa de texto do Alex. E eu vou dizer uma coisa: **não há nada como ser escaneado pela primeira vez. Hu hu, vocês vão adorar... juro! E aqui é a sessão de**

favoritos, os emojis mais populares, e é claro que o meu cubo também fica aqui...” (F5).

Os textos destacados no F5 fazem parte do *tom* que associado à corporalidade (Figura 4) constituem a cena do *modo de enunciação*. Tal cena faz com que a própria enunciação se torne o tema, e este seja aceito pelo destinatário, de modo *coeso*, pois cada formação discursiva tem uma maneira específica de construir sua argumentação e passar de um tema a outro: “E aqui é sessão de favoritos, os emojis mais populares... (F5)”. Cumpra uma função e ganhe uma promoção, típico do capitalismo.

Figura 4 - Modo de enunciação



Fonte: Printada de *Emoji: o filme*.

Agora passemos a descrever sobre os *emojis Gene e Rebelde* (codinome da *emoji Princesa*). Esses *emojis*, por meio de suas *competências discursivas*, não aceitaram as condições impostas em *Textopólis*.

Num primeiro momento, *Gene* reconheceu suas falhas (*bug*) e junto com o *emoji Mãozinha* foi procurar ajuda para ser reprogramado. Nesse primeiro momento, entendemos que *Gene* tem uma *competência discursiva*, pois reconhece a incompatibilidade dos enunciados de sua formação discursiva, no entanto não os rejeita, pois entende que tais enunciados fazem parte do sistema de restrições global. Tal fato pode ser identificado no F6:

“*Gene*: ‘Então é isso quando eu der as carinhas aqui de novo serei um verdadeiro éh!...’ (F6).

Num segundo momento, quando sai de *Textópolis*, e vai para a tela de fundo do *smartphone*, conhecendo outros *apps*, outros *emojis*, outras formações discursivas, *Gene* adquire uma *competência (inter)discursiva*, a qual lhe permite:

ser capaz de reconhecer enunciados como “bem formados”, isto é, como pertencentes a sua própria formação discursiva [...]

ser capaz de produzir um número ilimitado de enunciados inéditos pertencentes a essa formação discursiva (MAINGUENEAU, 2008, p. 54).

Assim, *Gene* é capaz de perceber a incompatibilidade semântica do seu sistema de restrições e traduzir essa incompatibilidade dentro seu próprio sistema de restrições, reconhecendo que não precisa mudar sua identidade, apenas aceitá-la, conforme destacado em F7:

“*Gene*: ‘Rebelde! Eu, olha só, ah! Eu... eu tenho que te falar que a emoji mais legal e mais interessante que eu já conheci é você. E depois de tudo que a gente viveu **eu não quero mudar o meu jeito de ser, porque o que eu tô sentido agora, é... é muito legal! Eu acho que eu quero ficar exatamente do jeito que eu sou...**’” (F7).

A emoji *Princesa*, desde o início já tem conhecimento da incompatibilidade semântica do seu sistema de restrições, ou melhor é dotada de competência *(inter)discursiva* para não aceitar as condições impostas às *Princesas (emojis do sexo feminino)*. Utiliza seu conhecimento informático (*hacker*) para fugir de *Textópolis* e ir morar na “nuvem” (*app Dropbox*). Em F8 e F9 é destacada sua *competência (inter)discursiva*:

“*Gene*: ‘E você acha que como eu sei fazer várias carinhas, ele vai pensar que eu sou emojis diferentes.’

Princesa: ‘É, mais vê se não esquece que a ideia foi minha. **Os homens sempre levam crédito pela ideia das mulheres.**’ (F8).

Princesa: ‘*Gene* se isso é porque você desistiu de ser um eh! Eu dou a maior força.

Eu gosto de você como você é, **mas eu tenho planos pra mim.**’

Gene: ‘Entendi.’

Princesa: ‘**Eu não sou apenas uma princesinha esperando meu príncipe...**’ (F9).

Em F8 percebemos um paralelo com o mundo real, no fragmento de texto: “Os homens sempre levam crédito pela ideia das mulheres”. Indubitavelmente, ao longo dos anos e na contemporaneidade as mulheres, embora tenham conquistado vários direitos legítimos, ainda são muito inferiorizadas em relação aos homens. Tal fato pode ser observado em todos os setores: social, político, econômico, religioso, doméstico etc. Passando o olho rapidamente pelos *emojis* presentes em qualquer *smartphone*, também é possível perceber a predominância de *emojis* do gênero “masculino”, o que caracteriza também uma desigualdade entre homens e mulheres no mundo digital.

RESULTADOS PARCIAIS

Com base, nas nossas primeiras análises de *Emoji: o filme* é possível postular a existência de um esfrelamento do dualismo digital na contemporaneidade, uma vez que as cenas analisadas e descritas apresentam evidências de uma realidade ampliada, a máquina como extensão de nossas ações e nossos pensamentos. Superarmos o dualismo digital, significa superarmos a diferenciação do linguístico e extralinguístico, do humano e não humano, e entendermos que o discurso e os elementos de sua produção são inextricáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Emoji: o filme* destacamos um esfrelamento do *dualismo digital* na contemporaneidade. Pois, as cenas analisadas e descritas apresentam evidências de uma *realidade ampliada*, a máquina como extensão de nossas ações e nossos pensamentos, uma ecologia do discurso (PAVEAU, 2021) ou, ainda, novas textualidades (MAINGUENEAU, 2015). Para superarmos o *dualismo digital*, precisamos caminhar para uma análise do discurso pós-dualista.

A opção pós-dualista implica ir além de uma abordagem logocentrada nos fenômenos discursivos, que concentra a análise apenas em formas linguageiras ou comunicacionais, em detrimento das restrições sociotécnicas e, mais amplamente, ambientais, para integrar os outros componentes da vida humana e não humana; é por isso que se trata de uma abordagem ecológica, já que o posto de observação da análise não é mais apenas o discurso, mas o conjunto dos elementos do ambiente (PAVEAU, 2021, p. 161).

Em síntese, acreditamos que o conceito de *semântica global* (Maingueneau, 2008) está totalmente relacionado com a concepção de *ecologia do discurso*

(Paveau, 2021), pois ambos os conceitos direcionam a análise de qualquer discurso para além da relação binária superfície/profundidade. Isso tem muito a ver com os discursos digitais nativos – onde a relação entre humano e não humano, linguístico e extralinguístico é inextricável. Os discursos digitais nativos perpassam o *dualismo digital*, esfarelam-no, desintegram-no, coconstroem (homem e máquina), criam um novo tipo de realidade discursiva, uma *realidade ampliada*, ubíqua.

REFERÊNCIAS

HAN, B-C. **No exame: perspectivas do digital**. trad. Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

_____. **Sociedade do cansaço**. trad. Enio Paulo Giachini. 2. ed. ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Discurso e análise do discurso**. trad. Sírio Possenti. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 13. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

PAVEAU, M-A. **Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas**. Júlia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas (Org.). 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

RAJAGOPALAN, K. Como o internetês desafia a linguística. In: **Linguística da internet**. Tânia G. Shepherd e Tânia G. Saliés (Org.). São Paulo: Contexto, 2013. pp. 37-53.